

UMA PROPOSTA PARA RELEITURA DA GUERRA ESPIRITUAL NO NEOPENTECOSTALISMO: UM OLHAR SUBJACENTE AO FENÔMENO

*A proposal for spiritual war reinterpretation in
neopentecostalism: a look under the phenomenon*

Moyses Naftali Leal Quitério²⁶⁵

RESUMO

O presente ensaio busca investigar a origem da guerra espiritual do neopentecostalismo. Para isso parte de uma breve revisão de eruditos como pano de fundo e busca um novo caminho. A sua busca não se inicia na origem da pós-modernidade como é feito hoje, e sim no olhar subjacente do fiel, de como ele entende. Neste texto procuramos valorizar as questões pessoais e privadas que não foram observados pela maioria dos pesquisadores. Partimos então da ideia de que o problema do mal se origina no judaísmo e que o neopentecostalismo possui ainda essa pertença por ter justamente a Bíblia como livro base de sua religião. Contudo é sabido que o neopentecostalismo se utiliza de uma religiosidade popular brasileira. Como

²⁶⁵ Mestre em Ciências da Religião e Teólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). – Membro do grupo de pesquisa NEP – Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM. moysesl@icloud.com

resultado, pressupomos uma perspectiva não no que tange a exclusão social e econômica como uma maneira de alienação política para explicar a guerra espiritual, mas sim, um ideal de participação e valorização pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Neopentecostalismo, Guerra Espiritual, Teologia da Prosperidade, Ciências da religião.

ABSTRACT

The present essay seeks to investigate the origin of the spiritual warfare of Neo-Pentecostalism. For this it starts from a brief review of scholars as a background and seeks a new way. His search does not begin at the origin of postmodernity as it is today, but in the underlying gaze of the faithful, as they understand. In this text we try to value personal and private issues that were not observed by most researchers. We start from the idea that the problem of evil originates in Judaism and that Neo-Pentecostalism still has this belonging by having the Bible as the base book of its religion. However, it is known that neo- Pentecostalism uses a popular Brazilian religiosity. As a result, we imagine a perspective not on social exclusion and economic as a way of political alienation to explain spiritual warfare, but rather an ideal of personal participation and appreciation.

KEYWORDS: Neopentecostalism, Spiritual Warfare, Prosperity Theology, Religion Sciences.

INTRODUÇÃO

Este texto não procura apresentar diversos caminhos distintos e separados para entender o fenômeno da guerra espiritual²⁶⁶ dentro do neopentecostalismo²⁶⁷. Também não pretendemos falar mais do mesmo. Cabe aqui a metáfora da montanha alta e íngreme. Muitas vezes se utilizamos da mesma rota turística do monte para entender tal manifestação. O grande desafio é que esquecemos as vezes de escalar penhascos íngremes que até pode ser perigoso, mas pode ser mais emocionante. Significa dizer então que, a objeção deste ensaio é encontrar uma nova rota desse monte alto e íngreme.

Contudo, o que pretendemos é que esse artigo nos leve a um outro sinal apontando. Para que possamos olhar para este portento com reflexões subjacentes a essa vertente teológica do neopentecostalismo. Ademais, não aspiramos realizar uma revisão bibliográfica de autores que já expuseram com maestria esse tema. Entretanto, precisamos abordar um breve panorama histórico-sociológico-antropológico. Por mais interessante que seja, pontuaremos de forma sucinta o objeto de pesquisa para não perdemos de vista a coerência e coesão de um texto acadêmico.

²⁶⁶ Guerra espiritual ou batalha espiritual são sinônimos. Se vale aqui pela interpretação de Ricardo Mariano (1996) em suma, a essência da guerra espiritual é o triunfo sobre o diabo e vitória sob quaisquer circunstâncias de adversidades que o cristão esteja passando ou enfrentando.

²⁶⁷ Devido ao crescimento do movimento pentecostal no Brasil a partir da década de 1970, a academia começou a definir tipologias com o objetivo de esclarecer, seja o leitor ou o pesquisador. O neopentecostalismo é um movimento mais tardio que surgiu no final da década de 1970 e teve sua principal progenitora a Igreja Universal do Reino de Deus. Preferimos aqui, nesse texto se concentrar nas igrejas neopentecostais, mesmo sabendo que existem um fenômeno de “neopentecostalização” de algumas igrejas pentecostais clássicas e até igrejas tradicionais. Isso, significa dizer que pode ser aplicar em certos momentos para todo o campo e tipologias pentecostal com suas ressalvas e cuidado do leitor/pesquisador.

Para Cecília Mariz²⁶⁸ a guerra espiritual tem sido um objeto que desperta olhares não apenas da academia, mas também dos meios de comunicação. Ela acrescenta que nas últimas décadas os pentecostais, um subgrupo dos evangélicos²⁶⁹ no Brasil inspiraram grande quantidade de artigos, pesquisas, livros, além de teses e dissertações, dentro e fora do país. Esses trabalhos, destacam a importância desse tema e a capacidade que eles têm de gerar debate científico. A guerra espiritual tem sido um subtema do pentecostalismo e é discutido entre os próprios evangélicos. A guerra espiritual tornou-se um fenômeno social e teológico. Contudo, pretendemos ampliar nossa argumentação para mais uma contribuição acadêmica.

O neopentecostalismo²⁷⁰ já é um movimento com algumas décadas no Brasil. Iniciou no final da década de 1970 e tem como a sua principal propagadora a Igreja Universal do Reino de Deus. Contudo, tiveram o seu prelúdio nas igrejas pentecostais da década de 1950. As igrejas que utilizam constantemente da “luta contra o diabo” foram a: Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus é Amor.

²⁶⁸ MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia'. *Bib - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 47:1, pp. 33-48. 1999.

²⁶⁹ Utilizaremos aqui a definição de Ricardo Mariano (2004) na íntegra, a respeito do termo Evangélico: Na América Latina, o termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). Grosso modo, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espírito, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres.” MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal- Revista Estudos Avançados* 18 (52), 2004.

²⁷⁰ Não pretendo aqui se alongar nos conceitos tipológicos do movimento pentecostal. Caso haja interesse procure a dissertação de mestrado do autor, logo no primeiro capítulo. As referências encontraram na bibliografia deste artigo.

Entretanto, não podemos entender que somente as igrejas supracitadas usufruem da prática da Guerra Espiritual. Contudo, cuidadosamente podemos pressupor que todas as igrejas inseridas do movimento pentecostal adotam a prática da guerra espiritual, ainda que em contextos e ênfases totalmente diferentes.

Contudo, é necessário destacar que apesar da Igreja Universal ter ganhado esse status quo como uma igreja pertencendo a uma nova ramificação do pentecostalismo, o que Giumbelli²⁷¹ destacou mais tarde como “neopentecostal com orgulho”. Ela também ganhou um enorme destaque em março de 1996 com a edição da revista da CEBRAP n.44 com o artigo de Mariano²⁷², e outros, devido ao “chute na santa” em 1995. A Igreja Universal que já tinha uma atenção acabou atraindo ainda mais o olhar popular. Tornou-se assim consensual afirmar que somente a Igreja Universal era a detentora da catequese de guerra espiritual e prosperidade no Brasil. Mesmo Mariano afirmando que outras igrejas também utilizassem. Mas devido a visibilidade do bispo Edir Macedo que se destacava frente a Igreja Universal ficou evidente que o modelo desse ensino ajudou para enriquecer os pastores e a igreja. Não demorou muito tempo para que outras igrejas pentecostais subsequentes começassem a se valer de alguma forma da estratégia do bispo, ainda que em moldes diferentes na aceitação ou não de objetos, como por exemplo: sal grosso, flor, etc., mas com um discurso mais claro sobre dinheiro nos púlpitos.

²⁷¹ GIUMBELLI, Emerson. O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. Editora Attar editorial, 2002.

²⁷² MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade, São Paulo. Revista Novos Estudos CEBRAP N.º44, março 1996.

Apesar da pressuposição da neutralidade do academicismo é possível observar uma demasiada crítica na guerra espiritual do neopentecostalismo. É verdade que não existe nenhum mal em tecer críticas, pelo contrário, é extremamente necessário. O desafio é que partirmos de determinado período histórico e que nem sempre reflete o pensamento que pressupõe como correto. Explico. É feito um corte-histórico-institucional que pode causar estranheza e preconceito ao neopentecostalismo. Cabe me aqui, portanto, a pretensão de advogar teologicamente a despeito da guerra espiritual, mas antes que isso ocorra gostaria de destacar uma ressalva. Partirmos do pressuposto que existem enormes exageros de igrejas neopentecostais e suas práticas que nem sempre ajudam, como por exemplo à atribuição de toda a fatalidade à um mal, e que somente será resolvido se for “combatido”. Diríamos que isso seria um exagero. Compreender essas discrepâncias é importante para uma boa leitura. Não podemos ser ingênuos neste sentido.

Reconheço que houve também grande esforço nesse tema por diversos pesquisadores. Na década de 1990 e também na década seguinte surgiram bastante textos de acadêmicos que buscavam a interpretação pela Sociologia da Religião brasileira. Contudo, esses pesquisadores buscavam compreender a alienação que as igrejas neopentecostais causavam nos fiéis. A busca se tratava na exclusão social e econômica. E partiam como pressuposto que a guerra espiritual se tratava de uma alienação religiosa. Contudo, é possível observar que a maioria desses estudos enfatizavam questões políticas, sociais e principalmente as econômicas. Porém, desvalorizavam as questões pessoais daquele grupo religioso e quase nunca eram ouvidos.

Nossa análise não seguirá a partir de uma visão antropológica. Contudo, Mariz²⁷³ propõe que a guerra espiritual – que apesar de não ser um produto brasileiro, veremos mais adiante – do neopentecostalismo propõe um sincretismo religioso, oriunda da cultura brasileira, entre religiões católicas e afro-brasileiras. E que, portanto, é uma continuidade dessa religiosidade. Entretanto, Mariz²⁷⁴ entende que a guerra espiritual é uma concepção religiosa mágica e que nunca houve o afastamento por parte dos neopentecostais. Esse discurso de Mariz é notadamente visto em seu texto, inclusive ecoando a pergunta de Pierre Sanchis: “o Brasil se tornará pentecostal ou o pentecostalismo vai se abasileirar? Apontando para a Igreja Universal do Reino de Deus, Sanchis e Mariz acredita que haverá um “abrasileiramento” do neopentecostalismo. Olhando por esse prisma, precisamos ter em mente que a religiosidade popular brasileira de alguma maneira afeta o protestantismo.

1. A origem de tudo, seguindo a estrada turística rumo ao monte

Buscar a origem de uma teologia pode ser um campo minado, é uma tarefa não muito fácil ao pesquisador. É preciso pisar devagar e sempre verificar as suas fontes e origem. Para entender melhor a guerra espiritual pretendemos compreender que ela está inserida dentro de uma teologia denominada: Dominion Theology (Teologia do Domínio) ou Power Encounter. Essa teologia traz a ideia de que os diabos dominam na terra e exercem enorme influência sobre os seres humanos. Esse ensino surgiu nos Estados Unidos na década de 1980.

²⁷³ MARIZ, 1999.

²⁷⁴ MARIZ, 1999.

Mariano²⁷⁵, esclarece que a Teologia do Domínio ganhou rapidamente o segmento evangélico no Brasil com os neopentecostais no começo da década de 1990. Essa teologia envolve tudo que liga à luta dos cristãos contra o Diabo. A guerra espiritual é realizada contra demônios específicos, espíritos territoriais e hereditários que agem sobre áreas geográficas e sobre famílias, e que “esses demônios seriam os responsáveis por todos os males do mundo, inclusive a desigualdade e a injustiça social”. No Brasil, esses demônios foram identificados aos santos católicos e de religiões mediúnicas. E para combater os demônios somente por meio de orações e intercessões nos cultos.

Paulo Siepierski²⁷⁶ e Mariano²⁷⁷ afirma que o principal precursor da Teologia do Domínio foi Peter Wagner, um teólogo e escritor. Wagner foi também professor do Fuller Theological Seminary of World Mission na Califórnia. Esse seminário tinha o objetivo de formar missionários evangélicos e que posteriormente enviava para diversos países. Wagner foi também coordenador da Rede de Guerra Espiritual Internacional. Na versão mais atual desse movimento que tem se expandido pela América Latina e também no Oriente Médio tem se percebido uma ênfase teológica à questão missionária. Esse novo modelo traz o arquétipo do missionário como um guerreiro espiritual capaz de expulsar demônios, sendo um instrumento importante de evangelização. No Brasil teve como principal expoente foi a Neusa Itioka, juntamente com Valnice Milhomens.

²⁷⁵ MARIANO, 1996.

²⁷⁶ SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil, Revista Estudos Teológicos v.37 n.1, 1997.

²⁷⁷ MARIANO, 1996.

Esse modelo de importância missionária corrobora para a tese de Cristhian D'Épinay²⁷⁸ que esclarece o papel do missionário pentecostal. Ele mostra que o missionário “não é apenas o anunciador do Evangelho, mas é também senhor dos segredos de como fazer, como pregar, como organizar e hierarquizar a sociedade cristã”, e mais, o missionário “é a Enciclopédia cristã.” Isso mostra a capacidade e influência que ele exerce nos pastores e igrejas de cada região.

No mesmo período no Brasil surgiu a Teologia da Prosperidade, doravante TP. Essa teologia também é sinônimo de: Confissão Positiva ou Movimento da Fé. A TP²⁷⁹ possui um vasto campo de material escritos, desde o início até os mais recentes dias. O surgimento remonta uma perspectiva filosófica (metafísica) do “Novo Pensamento”, “formulada originalmente por Phineas Quimby (1802-1866). Quimby, que estudará espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia.”²⁸⁰ Para Leonildo Silveira Campos²⁸¹, toda essa linha de pensamento trabalhava com o pressuposto de que as forças mentais e espirituais estão à disposição do ser humano para realizar curas e resolver problemas.

No final do século XIX, diversos pregadores pentecostais norte-americano, como Kenneth Hagin, Jimmy Swaggart, Kenneth Copelan, Benny Hinn, T.L. Osborn, dentre outros, tiveram destaque na televisão e no

²⁷⁸ D'ÉPINAY, Christian Lalive. O refúgio das massas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970. p.142.

²⁷⁹ MARIANO, Ricardo (1996) aborda em seu texto clássico a origem da Teologia da Prosperidade. Leonildo Campos (1997) também não deixa escapar em seu livro e pontua delineando tal doutrina bem divulgada pela Igreja Universal do Reino de Deus que é o objeto de pesquisa de seu doutorado.

²⁸⁰ MARIANO, 1996, p.29.

²⁸¹ CAMPOS, Leonildo S. Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Vozes: Rio de Janeiro, 1997. p.322.

rádio pela sua ênfase na cura divina com milagres. O maior nome que se destacou no Brasil foi de fato sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, foi um evangelista batista que mais tarde se aproximou dos pentecostais. Foi pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e permaneceu lá por doze anos. Em 1962 fundou o seu próprio ministério que foi marcado por visões, transes, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, segundo ele tinha “autoridade espiritual”, entre 1950 e 1959 declarou ter encontrado e conversado com Jesus pessoalmente²⁸².

A guerra espiritual se aproximou com enorme facilidade na Teologia da Prosperidade, e logo tornou-se o que denomino como a “tríade do neopentecostalismo”, que compreende em: 1- Saúde perfeita; 2 - Prosperidade financeira; e por último 3 – a Guerra Espiritual²⁸³. Esse conjunto de doutrina na TP responde entre si, e que a saúde e a prosperidade estão ligadas a guerra espiritual.

As críticas a esse ensino são muitas. Mariano²⁸⁴ propõe que tal ensino promove forte inversão de valores no “sistema axiológico pentecostal” fazendo com que o cristão enfatize o retorno da fé, esquecendo sobre a mensagem escatológica que é um dos temas da Bíblia. Este ensino traz em seu bojo a ideia de que o homem tem a capacidade de tornar-se um deus, pois “afirmam que quando o homem ‘nasce de novo’, ele adquire a própria natureza divina”²⁸⁵. Ele destaca:

Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos.

²⁸² MARIANO, 1996.

²⁸³ MARIANO, 1996.

²⁸⁴ MARIANO, 1996.

²⁸⁵ MARIANO, 1996 p. 30.

Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política²⁸⁶.

Seguindo a linha de raciocínio acima, Bitun²⁸⁷ destaca:

A Teologia da Prosperidade ocasionou uma forte mudança na visão pentecostal nacional e, até mesmo, correndo o risco de ser demais genérica na visão cristã. O além, vida e salvação após a morte são atraídos e desejados no aquém. Vida após a morte significa, na Teologia da Prosperidade e Saúde, vida terrena, deixando de lado a vida de cruz proposta pelos primeiros pentecostais. O ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) inverteu-se, enfatizando-se agora o usufruir destas coisas neste mundo, como parte do integrante do Cristianismo.

Paulo Bonfati²⁸⁸ entende que a Igreja Universal do Reino de Deus é a grande progenitora e, por conseguinte rompe drasticamente com a postura e o tempo até então empregado pelo movimento pentecostal. “Ela entra no mundo e usa as mesmas armas que o Diabo possui para combatê-lo”. Isso quer dizer que se o centro do Diabo está nos Estados Unidos, é para lá que devemos ir. Se o diabo possui um Banco, faz necessário abrir um, se possui uma rede televisão, compra-se uma. Se existe um cinema que passa coisas do diabo, compra-se um cinema e faz-se ali um templo da igreja.

Percebemos até aqui, que a Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se um arquétipo para a guerra espiritual dentro do neopentecostalismo. E em

²⁸⁶ MARIANO, 1996, p.32.

²⁸⁷ BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 200p. São Paulo, 2007. p.142.

²⁸⁸ BONFATI, Paulo. A expressão popular do sagrado: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo. Ed. Paulinas. 2000. p.86.

alguns casos, tornando-se um padrão de comportamento para algumas instituições inserida no bojo da neopentecostalidade. Isso significa que qualquer igreja pentecostal inaugurada a partir da década de 1970 é considerado uma igreja neopentecostal e que, portanto, pressupõe que ela se utilize das práticas de guerra espiritual. De alguma maneira isso parece injusto, não podemos dizer que a Igreja Universal do Reino de Deus é um modelo que represente todas as instituições posteriores a ela, existem milhares de instituições que foram e são abertas que não necessariamente aspire o mesmo conceito de guerra espiritual iurdiano. Emerson Giumbelli²⁸⁹ acrescenta que esse peso do termo “neopentecostal” atribuiu a IURD quando a academia destacou com dezenas de pesquisas e as tipologias criadas começaram a valorizá-la, isolando as igrejas anteriores e a elevando como uma representante mais importante do pentecostalismo moderno.

Esse modelo de igreja progenitora trazida pela IURD foi bem lembrada por Emerson Giumbelli²⁹⁰ que afirmou que a instituição já tinha seu destaque na academia antes do “chute da santa” em 1995, mas que após isso atraiu cada vez mais olhares e, que “dezenas de teses a tomaram, direta ou transversalmente, como tema, mero do indicador do número ainda maior de pesquisas a seu respeito”. Para Giumbelli²⁹¹ “a IURD é uma das principais responsáveis pela efervescência que tingiu e revitalizou o campo de estudos sobre protestantismo e pentecostalismo na década de 1990.”

Contudo, destaco que o que foi dito nessa primeira parte, serve como um panorama para adentrarmos em nossas discussões mais instigantes.

²⁸⁹ GIUMBELLI, 2002, p.303.

²⁹⁰ GIUMBELLI, 2002, p.297.

²⁹¹ GIUMBELLI, 2002, p.297.

Pudemos observar que o corte-histórico utilizado pelos diversos pesquisadores brasileiros partem de um período que por vezes podem ser satisfatórios em suas propostas de pesquisas, mas que nem sempre reflete a realidade.

2. Em direção aos penhascos íngremes, uma (tentativa) de defesa teológica

A proposta é a partir daqui pensar como o fiel entende a guerra espiritual. Não partindo do pressuposto alienador, ou que ele não sabe escolher. Justamente o contrário, que ele escolhe sabendo o que é bom para ele e que ele sabe a sua escolha. O fiel possivelmente não observa a guerra espiritual partindo dos conceitos aqui expostos. Por Phineas Quimby, Kenneth Hagin ou Peter Wagner ou em um contexto mais recente como a Igreja Universal do Reino de Deus. Explico. As análises históricas e sociais do fenômeno nos fazem rodear sobre o mais do mesmo. Entendo, que nós acadêmicos temos um olhar demasiadamente treinado e que muitas vezes não analisamos o que aquilo represente ao indivíduo.

A hipótese que temos nesta parte do texto é que o início da guerra espiritual foi remontado em um período pós-moderno²⁹² e que, as vezes pode

²⁹² Utilizamos aqui do conceito total descrito por Alfredo Matta que define: “A modernidade em questão foi considerada principalmente, e quase absolutamente, como sendo um discurso de origem iluminista, localizado nos séculos XVIII e XIX europeu, que, segundo os pós-modernos, defendia e divulgava o uso da ciência e da racionalidade sistematizada e científica como forma de compreender e conhecer o mundo de maneira objetiva e universalmente válida. Esta universalidade é vista como uma estratégia persistente e violenta para impor verdades absolutas que davam vantagem a alguns grupos ou sociedades, em especial sociedades europeias, o que teria originado ao menos 3 séculos de eurocentrismo. Ellen Wood, propõe que os anos 60, chamados por ela de “idade do ouro” do capital, é em resumo o berço do pensamento pós-moderno, formado por intelectuais que viveram o crescimento e boom da sociedade de consumo. Após a crise dos anos 70, este grupo permaneceu encantado com a sociedade de mercado, saudosistas e defensores de suas práxis social. Pregavam a vitória do capitalismo e celebravam o consumismo, e a ideia mais tarde geradora da tese do “fim da

não dar conta de uma resposta plausivelmente teológica da guerra espiritual difundida em grande parte por igrejas neopentecostais. Quero dizer que a sociologia, antropologia, história e até a teologia utiliza de um corte-histórico-institucional para debater e exemplificar o fenômeno. Possivelmente esse recorte da pós-modernidade seja suficiente para os pesquisadores darem conta de suas pesquisas. Assim como mencionado por Mariano²⁹³, Bitun²⁹⁴, Campos²⁹⁵ e Siepierski²⁹⁶.

A proposta nesse texto não é partirmos do conceito de guerra espiritual no período remontado por tais eruditos das ciências sociais supracitados. Se partimos do período histórico mencionado por eles correremos o risco de apenas reproduzir o que vem sendo apresentado nos últimos vinte anos. Isso quer dizer que o que foi dito está errado? Absolutamente não! No início desse texto, destacamos que a proposta desse ensaio é escalar a montanha por um outro caminho, talvez ainda não muito difundido em textos.

história”, de que não havia como mudar a sociedade, sendo melhor optar por aceitar suas regras e processos sociais, e lutar por questões relativas à individualidade de cada um. Embora se reconheça influências antigas de pensadores como Nietzsche, e outros como Derrida, Foucault, Lyotard e Lacan, a principal influência para a atual ideologia do pós-moderno está nos estudantes e na geração de 1960. Compreender esta argumentação é importante por identificar a pós-modernidade como sendo histórica e relacionada com um momento específico da modernidade, ou seja, da sociedade de mercado capitalista, para com a qual é argumentação favorável e defesa de práticas e de sua permanência, de forma praticamente eterna.” Matta, Alfredo.

A pós-modernidade e o iluminismo: encontros e desencontros. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m4c2.pdf>> acesso em 02 de julho de 2018.

²⁹³ MARIANO, 1996.

²⁹⁴ BITUN, 2007.

²⁹⁵ CAMPOS, 1997.

²⁹⁶ SIEPIERSKI, 1997. Tais autores supracitados, se debruçaram no fenômeno pentecostal em análises brilhantes. Destaco profundo agradecimento por todos. Tive o privilégio de ter tido aula com os três primeiros professores.

A grande crítica dos pesquisadores e incluo aqui a categoria de teólogos também é que a Teologia do Domínio e a Teologia da Prosperidade procuram de modo amplo dar respostas muitos fáceis dentro de uma lógica ponderada e crítica. Para melhor entendermos é importante destacar o que Freston²⁹⁷ adjetiva como uma “teologia fraca”. Esse tipo de teologia procura “flexibilizar”. Em tempos de prosperidade e saúde ela explica o motivo. O sucesso da igreja e do indivíduo é atrelado a fidelidade dele com Deus e justificada por sua generosidade com a obra e propósito da igreja que é a vontade de Deus, segundo o pregador. Em tempos que vai mal, esse ensino também possui respostas atribuindo o problema ao diabo, e as vezes sendo acompanhada por respostas políticas, econômicas do senso comum, aliviando assim a ansiedade.

No atual mundo moderno que vivemos as repostas não podem ser tão simples e é justamente nesse ponto que nós acadêmicos discutimos. O que esta voga em nossos dias é o capital da academia²⁹⁸. Sabemos que é necessário respostas cientificamente comprovadas, assim como o prestígio religioso era supostamente divino em outras eras. Hoje em dia, a religião não tem mais essa capacidade. Quem tem condições de opinar do que é verdadeiro ou do que é falso é a ciência e ponto final. Isso foi ótimo e muito importante para os avanços educacionais, ciências, saúde e tecnológicos.

²⁹⁷ FRESTON, Paul. "Prosperity Theology: A (Largely) Sociological Assessment". MA: Hendrickson, 2017.

²⁹⁸ A crítica que gostaria de tecer é que muitas vezes nas entrelinhas é dado um sentido pejorativo e alienador a comunidade e ao fiel, onde supostamente o pregador usa como maneira de manipular o seu público. Os intelectuais entram com seu prestígio acadêmico e social com seu capital e mídia e amplificam críticas a esse ensino. Mais uma vez, não digo que isso não possa acontecer. Mas não podemos aplicar e generalizar em todos os casos.

O grande desafio que essas teologias – do domínio ou da prosperidade – explica o motivo de uma doença X tendo o diabo como causador. Na ciência médica não faz sentido esse tipo de resposta, que cientificamente comprova que a causadora da doença X é o vírus Y e que possivelmente será curada mediante a um antídoto Z. Nesse caso o indivíduo necessitará de medicamentos específicos para curá-lo. A ciência jamais atribuirá o elemento causador ao diabo. Para seguir ainda nessa direção, a ciência políticas ou econômicas também não atribuirá um mal plano de governo a forças ocultas misteriosas. A ciência é racional e procura entender como um erro econômico ou a ineficácia de um governo despreparado pode causar déficit econômico ou desempregos.

Isso mostra, que o jargão popular “colocar a culpa no diabo” não dá conta de responder para uma ciência ou Estado. É justamente neste ponto que a crítica feita por nós acadêmicos ganham fôlego. Esse argumento corrobora para a tese de Freston que essas teologias são fracas. Essas teologias não conseguem – e não devem – responder para a medicina ou pelo governo. Para nós teólogos essa teologia também possui a sua limitação, quando olhamos a partir dessa origem da pós-modernidade e da religiosidade popular brasileira. Quando digo “nós teólogos” estou me referindo a todos que de alguma forma leem a Bíblia ou procuram compreender o pensamento de uma religião, no caso, a judaico-cristã. Para tal afirmação utilizamos a definição dos teólogos Grenz & Olson²⁹⁹, para eles todo cristão é um teólogo em maior ou menor grau³⁰⁰. Mas por que esta

²⁹⁹ GRENZ, Stanley e OLSON, Roger. *Iniciação à Teologia*. Editora Vida Acadêmica, 2006.

³⁰⁰ Em seu livro Grenz & Olson (2006) distinguirá um pouco a frente uma teologia popular e acadêmica. De qualquer modo é interessante pensarmos que todo cristão é um teólogo. Isso significa que todos estão em um mesmo nível e coloca a frente a responsabilidade de qualquer cristão na responsabilidade de pensar, refletir e falar.

teologia ainda ganhar força dentro das igrejas pentecostais? Por mais erudição que o neopentecostalismo avance o folclore da guerra espiritual ganha terreno em grande parte das instituições. A academia daria a resposta que a falta de instrução dos neopentecostais é o problema para alienação e, portanto, o argumento como “colocar a culpa no diabo” responde para uma comunidade pobre, justamente pela falta de instrução de ensino. Mariz³⁰¹ reconhece a pobreza como tema do pentecostalismo, e Campos³⁰² entende que tal antinomia “riqueza-pobreza” também responde grande parte das análises do pentecostalismo.

De fato, isso satisfaz como resposta plausível grande parte da academia, mas não seria esse o “outro” caminho rumo ao monte.

Temos um “outro” caminho a ser percorrido que como teólogo de formação observe, não como um defensor da guerra espiritual. Concordo, que a característica do neopentecostalismo de uma maneira geral é a diversidade, mas que apesar de toda diversidade existe uma unidade, essa unidade é encontrada na Bíblia, mesmo que utilizado recortes de textos para um determinado ensino, a unidade é Jesus Cristo. Essa perspectiva de diversidade e unidade é encontrado no teólogo James D.G. Dunn³⁰³. Ele expõe que a Igreja primitiva havia esse contexto de diversidade e unidade ao mesmo tempo.

³⁰¹ MARIZ, Cecília Loreto. "Pentecostalismo e a Luta contra a Pobreza no Brasil", in B. Gutierrez e L. S. Campos (eds.), Na Força do Espírito. Os Pentecostais na América Latina: Um Desafio às Igrejas Históricas. São Paulo, Aipral.1996.

³⁰² CAMPOS, 1997. p.36.

³⁰³ DUNN, James D. G. Unidade e Diversidade no Novo Testamento: Um estudo das características dos primórdios do cristianismo. Editora Academia Cristã, 2009.

O movimento pentecostal que se originou por consenso histórico em meados a partir de 1900. O pentecostalismo é oriundo de movimentos com ênfase na experiência, como o pietismo e o metodismo. Tais movimentos de avivamentos se originaram de igrejas reformadas. Por sua vez carrega heranças do reformador alemão Martinho Lutero, tendo João Calvino como o grande intelectual no século XVI durante o desenvolvimento da Reforma Protestante. Voltando ainda mais, a Reforma Protestante tem a sua origem em uma divisão ocorrida dentro da Igreja Católica, e, que remonta a Igreja Primitiva e que chega até o Judaísmo. A expressão “rebobinar a fita” cabe aqui. Procuramos voltar e buscar a origem de tudo. Tudo isso para dizer que em maior ou menor grau o movimento pentecostal tem a sua origem na religião judaica, por mais que exista seus rompimentos a continuidades.

São vários os elementos do judaísmo presente até hoje na Igreja Cristã (Católica ou Evangélica). A santa ceia e o batismo nas águas são um símbolo que se originou dentro do judaísmo. Jesus, era um judeu e os seus discípulos sendo canonizados pela Igreja Católica como santos, eram todos judeus. A Bíblia carrega o maior volume de literatura judaica, incluindo a Torá, o livro da lei do povo israelita. Quero dizer que não existe como fugir das raízes do judaísmo ou do sistema monoteísta judaico. O pentecostalismo tem como base o livro sagrado, a Bíblia. Portanto, a melhor maneira de refletir a guerra espiritual no neopentecostalismo é buscando referências na literatura judaica. E o que a literatura judaica discorre sobre o problema do mal?

No mundo antigo e também no mundo moderno, existem alguns tipos de religiões monoteístas. Além disso, a palavra Deus não tem somente um sentido. As religiões panteístas na época do Apóstolo Paulo eram bastante comuns em diversos estoicismos. Não pretendemos também cometer um anacronismo, do tempo do I século de Paulo e com o século XXI dos

neopentecostais. Para isso utilizaremos uma resposta plausível e talvez convincente do teólogo anglicano Nicholas Thomas Wright³⁰⁴.

Wright³⁰⁵ parte em sua explicação que o Apóstolo Paulo tem o pressuposto de que Jesus é idêntico ao Deus único conhecido no judaísmo. Ele é o Deus revelado. E disserta que o Deus monoteísta de Israel é diferente da mitologia grega de sua época. O Deus de Israel “se mostra ardentemente envolvido e compassivamente comprometido”. O Apóstolo Paulo recorre aos livros de Êxodo, Isaias e Salmos. A linha do Novo Testamento é tênue, mas precisamos esclarecermos antes de tudo que Paulo era um judeu e entendia o monoteísmo judaico a partir de um “monoteísmo criacional e de aliança”. O Deus único do povo de Israel criou o mundo permanecendo em dinamismo e profundo relacionamento com os seres humanos, a sua criação. No antigo judaísmo, o mal é, um problema bem maior do que o panteísmo ou no epicurismo, antigo e até mesmo atual. Temos obras como Salmos 73[72] e 88[87]. Wright³⁰⁶ aponta outro livro que é “elevado como uma torre acima de todas as demais obras, e com o cume tocando as nuvens o Livro de Jó”. Mesmo que o judaísmo estivesse sob enorme pressão e apuros, mesmo olhando para o seu passado, como a escravidão no Egito ou a entrega de Deus do seu povo à Babilônia, Israel não vê como uma forma de abandono do seu Deus ao povo escolhido.

O judaísmo não desiste de sua crença que o mal - o mal moral, o mal social, o mal dentro da própria ordem natural, importa desesperadamente a Deus e que ele, um dia, não somente colocará o mundo em ordem, mas, de algum jeito, tratará retrospectivamente

³⁰⁴ WRIGHT, Nicholas Thomas. Paulo Novas Perspectivas. Editora Loyola. São Paulo. 2009.

³⁰⁵ WRIGHT, 2009, p.113.

³⁰⁶ WRIGHT, 2009, p.114.

*com do horror, da violência da degradação e da decomposição que tão radicalmente (deste ponto de vista) infectaram a criação, inclusive os seres humanos e até Israel.*³⁰⁷

Wright³⁰⁸, explica que o povo judeu compreende o seu Deus e sua onipotência. O Deus dos judeus pode até estar envolvido na desordem e na vergonha do mundo, na era presente, e, mais particularmente, qual será sua atitude decisiva é uma questão que ainda a Bíblia não aborda em sua completude, sendo assim, ainda obscura. Se refletirmos ainda de maneira profunda, veremos que a eleição e a escatologia tratam sempre do problema mal, de uma maneira indireta.

Por fim, poderíamos acrescentar os escritos do livro de Daniel, que também trabalha em um aspecto de guerra espiritual. Isso mostra que existia um só Deus para os judeus e que este Deus, era o criador que tinha permanecido ardentemente e compassivamente envolvido com o mundo. Isso é tanto, que expressou tais sentimentos na escolha do seu povo Israel e que posteriormente incluiu os gentios. A própria imagem de Jesus Cristo, acompanha esse interesse e envolvimento por parte de Deus com a humanidade. O relacionamento entre o criador e criatura é um ato que se revela constantemente na Bíblia.

A guerra espiritual reside justamente na tentativa de combater o mal e para isso vê um Deus que esta envolvido a todo momento. Uma relação do Criador com a criatura. Olhando por esse prisma, nenhum cristão encontra dificuldade alguma em acreditar que o mal ou diabo exista e mais, que ele de alguma maneira atua. Compreendemos, que muitas vezes a ênfase recai

³⁰⁷ WRIGHT, 2009, p.114.

³⁰⁸ WRIGHT, 2009.

em cultos que excedem e que, portanto, muitas vezes uma liturgia dessa maneira faz repensar que poderíamos estar participando de um culto de origem não-cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe então um outro caminho? Acho difícil que cheguemos a um consenso e uma razoabilidade ética-cristã da guerra espiritual. Certamente cada leitor fará a sua análise e entenderá que o seu jeito é o mais adequado. E que mediante a essas circunstâncias é difícil dizer como o neopentecostalismo brasileiro deverá seguir. É neste momento que dou a voz a Freston³⁰⁹, onde ele entende que a Teologia da Prosperidade – nesse caso incluo a guerra espiritual – possui “pernas curtas” por criar comunidades estáveis.

O texto procurou apresentar que o problema do mal se remonta na religião judaica. O mal e a batalha espiritual são um assunto amplamente divulgado na sua literatura. Portanto, os fiéis neopentecostais quando encaram o mal, combatem com a guerra espiritual, com o amparo bíblico. Com uma leitura leiga e devocional o fiel encontra uma vasta literatura que de alguma maneira dá subsidio para ele “combater” o mal como um elemento a ser combatido por ele com a ajuda de Deus.

Vimos também que a guerra espiritual não é algo tão recente quanto apresentado por eruditos acadêmico, seja das ciências sociais ou quem sabe ainda teológica. Ela é muito mais profunda e coesa de uma identidade

³⁰⁹ FRESTON, 2017.

judaica que é sectária e monoteísta. Vinte séculos depois, dentro do neopentecostalismo o problema do mal é também respondido com reflexos de uma religiosidade brasileira. Contudo, não temos como retirar de cena toda a herança judaica, Reforma Protestante, avivamentos e contextos sociais, como o que vivemos na atualidade. O neopentecostalismo brasileiro é um produto de sua época que fala para uma determinada região.

Se adentrarmos no pentecostalismo de outros continentes veremos que será um outro fenômeno social dando ênfase em religiosidades de suas heranças.

Não podemos ser simplistas e entender que o pentecostalismo em regiões de predominância budistas ou islâmica tenha as mesmas características e ênfases doutrinárias que o movimento brasileiro. Quero dizer que o neopentecostalismo brasileiro tem uma herança católica e de religiões afro-brasileira e que distingue das outras localidades geográficas. Pressupomos que o neopentecostalismo brasileiro em sua alomorfia constante e a necessidade de não ser um movimento minoritário buscou arrebanhar cada vez mais adeptos e talvez tenha se emparelhado com uma religiosidade popular. Precisamos pensar que cada ser pentecostal tenha uma herança dessa religiosidade. Isso significa dizer que é um movimento com as suas diversidades, contudo exista possivelmente a sua unidade.

REFERÊNCIAS

- BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 200p. São Paulo, 2007.
- BONFATI, Paulo. A expressão popular do sagrado: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo. Ed. Paulinas. 2000.
- CAMPOS, Leonildo S. Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Vozes: Rio de Janeiro, 1997.
- D'EPINAY, Christian Lalive. O refúgio das massas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- DUNN, James D. G. Unidade e Diversidade no Novo Testamento: Um estudo das características dos primórdios do cristianismo. Editora Academia Crista, 2009.
- FRESTON, Paul. "The Future of Pentecostalism in Brazil: The Limits to Growth", in R. Hefner & P. Berger (eds.), Global Pentecostalism in the Twenty-First Century, Indian University Press, pp. 63-90. 2013.
- FRESTON, Paul. "Prosperity Theology: A (Largely) Sociological Assessment". Peabody, MA: Hendrickson, 2017.
- GRENZ, Stanley e OLSON, Roger. Iniciação à Teologia. Editora Vida Acadêmica, 2006.
- GIUMBELLI, Emerson. O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. Editora Attar editorial, 2002.
- MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade, São Paulo. Revista Novos Estudos CEBRAP N.º44, março 1996.
- Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal- Revista Estudos Avançados 18 (52), 2004.
- MARIZ, Cecília Loreto. "Pentecostalismo e a Luta contra a Pobreza no Brasil", in B. Gutierrez e L. S. Campos (eds.), Na Força do Espírito. Os Pentecostais na América Latina: Um Desafio às Igrejas Históricas. São Paulo, Aipral.1996.
- A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia'. Bib - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, 47:1, pp. 33-48. 1999.
- WRIGHT, Nicholas Thomas. Paulo Novas Perspectivas. Editora Loyola. São Paulo. 2009.
- POMMERENING, Claiton Ivan, Fábrica de Pastores: Interfaces e divergências entre educação teológica e fé Comunitária na Teologia Pentecostal. Tese doutorado em Teologia. EST/PPG São Leopoldo RS. 2015.

QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. Contribuições Sociológicas para o Pentecostalismo Brasileiro: Tipologias propostas e um breve ensaio sobre uma nova perspectiva do futuro. Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos, [S.l.], v. 1, n. 02, out. 2017. ISSN 2526-5458. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/22>>. Outubro de 2017.

_____. A hipérbole do neopentecostalismo brasileiro: estudos a respeito da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, o líder apóstolo Agenor Duque e suas inscrições midiáticas no cenário religioso Brasileiro. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil, Revista Estudos Teológicos v.37 n.1, 1997.